

**CONECTIVOS COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA:  
UMA ANÁLISE DOS EDITORIAIS DE VEJA<sup>32</sup>**

Charleston de Carvalho Chaves (UERJ)  
[charlestonchaves@ig.com.br](mailto:charlestonchaves@ig.com.br)

**RESUMO**

Serão analisados os conectivos, ferramentas linguísticas que se propõem nos enunciados a estabelecer ligação e representam valores semânticos importantes discursivamente. Para isso, utilizaremos fundamentações teóricas principalmente da linguística textual. O *corpus* de análise se baseia em textos de tipologia argumentativa, mais especificamente o gênero editorial. Assim, analisaremos como esses conectivos (conjunções, preposições, advérbios...) revelam marcas semânticas importantes como verdadeiras estratégias argumentativas por parte dos autores em sua proposta temática que precisam ser reconhecidas pelo leitor para uma compreensão/interpretação textual mais abrangente. Essa forma de abordagem implicará análises de coesão e de coerência textuais e é uma proposta de avaliação de como os textos são constituídos em sua tessitura, resultando na produção de sentido. Analisaremos os editoriais da revista *Veja*, da seção “Carta ao leitor”, cujas abordagens colocarão em relevo os elementos conectores tanto do ponto de vista sintático-semântico quanto em relação às implicações pragmático-discursivas, fatores que servirão de base para compreensão/interpretação dos textos. A metodologia será a avaliação desses editoriais à luz de teorias linguísticas que possam trazer benefícios para as abordagens argumentativas. Faremos análises textuais que embasem a teoria de que as marcas argumentativas inerentes aos conectivos (operadores argumentativos) conduzem e orientam a compreensão e a interpretação dos textos por parte do leitor. Reconhecer como é possível perceber os níveis de argumentatividade nos editoriais analisados, explicitar as estratégias utilizadas pelos autores, promover a classificação, os valores e as funcionalidades discursivas dos conectivos são tarefas primordiais deste trabalho, que defenderá a hipótese de que os conectivos funcionam como ferramentas discursivas importantes em textos argumentativos, além de servirem de marcas linguísticas para compreensão textual e de indicadores para interpretações textuais também (a partir de outros aspectos discursivos, visando a uma análise mais profunda do texto).

**Palavras-chave:** Conectivo. Estratégia argumentativa. Editorial. *Veja*.

## **1. Introdução**

A linguística textual, desde a década de 60, tem-se ocupado de vários conceitos para definir seu objeto de estudo precípua: o texto. Porém,

---

<sup>32</sup> O presente artigo é parte integrante da tese de doutorado em língua portuguesa (UERJ): *Argumentação e suas estratégias discursivas: um estudo dos conectivos em português*, defendida em março de 2014.

um dos aspectos relevantes em sua composição, tomando como referência o texto como algo material reconhecido linguisticamente (fator que será mais bem discutido posteriormente) é o fenômeno da *coesão sequencial* e como isso influi não só nos aspectos sintáticos, mas também semânticos na constituição dos textos. O objetivo primordial deste trabalho é demonstrar como os diversos mecanismos de coesão sequencial, a partir dos mais variados usos dos conectivos, torna um texto com receptividade capaz de possibilitar que o leitor desvende as estratégias utilizadas para convencimento de determinadas ideias, principalmente em relação aos eixos de sentido: *causa/efeito e oposição*.

Por isso, a tipologia escolhida será argumentativa e o gênero que comporá o *corpus* serão os editoriais recentes da revista *Veja*, identificados com o título “Carta ao Leitor”.

Reconhecer como é possível perceber os níveis de argumentatividade nos editoriais analisados, explicitar as estratégias utilizadas pelos autores, promover a classificação, os valores e as funcionalidades discursivas dos conectivos (conjunções/locuções conjuntivas, preposições/locuções prepositivas/advérbios/locuções adverbiais) são tarefas primordiais deste trabalho, que visa defender as seguintes análises: esses conectivos funcionam como ferramentas discursivas importantes em textos argumentativos, reveladoras de intencionalidade, além de servirem de marcas linguísticas para compreensão textual (na superfície do texto) e como indicadores para interpretações textuais também (a partir de outros aspectos discursivos, visando a uma análise mais profunda do texto).

## **2. Pressupostos teóricos**

Dentre os pressupostos teóricos principais utilizados neste trabalho destacam-se os que se referem à *linguística textual*. Tal estudo procurará revelar os mecanismos de coesão sequencial no uso dos conectivos ao discutir suas funcionalidades discursivas, além de possibilitar as análises semântico-argumentativas, sobretudo em seu diálogo com a pragmática.

## **3. A importância da linguística textual**

Analisar textos sob a ótica da linguística textual é tarefa primordial deste trabalho. Esse ramo da linguística surge na Europa por volta dos

anos 1960, embora haja outros estudiosos que fizeram análises linguísticas tendo como ponto de referência os textos como, por exemplo, Eugênio Coseriu, que, ainda nos anos da década de 1950, já havia cunhado o próprio nome desse ramo da linguística, fato que só depois seria postulado. Bechara, que faz abertura do livro de Koch – *As Tramas do Texto* – fala isso (KOCH, 2008a, p. 7):

A linguística textual é uma disciplina integrada no âmbito das ciências da linguagem nos anos cinquenta, quando o teórico Eugênio Coseriu lhe fez a primeira referência e lhe conferiu essa denominação. Com o decorrer do tempo e da ação de novos investigadores, em especial alemães e franco-suíços, a disciplina, deixando o ninho antigo do *Trivium* clássico, foi alargando seus objetivos e horizontes, a tal ponto que hoje, mesmo ainda buscando seu amplo arcabouço teórico, constitui um campo bem delimitado e uma feição inconfundível diante de disciplinas que estudam paralelamente as utentes e de todos os fatores explícitos e implícitos que molduram e operacionalizam essa atividade.

Há um número significativo de disciplinas que se relacionam com a linguística textual, provando seu caráter transdisciplinar, tão importante a uma disciplina que tem o texto como seu objeto de estudo. Por isso, Bechara (KOCH, 2008a, p. 7) também argumenta que:

Daí a L. T. receber subsídios da pragmática conversacional, da teoria da conversação, da teoria da enunciação, da teoria dos atos da fala, da linguística cognitiva, da psicologia da atividade, da filosofia da linguagem, entre outras contribuições que lhe vão dando feição tão particular hoje, que a gramática funcional e a gramática formal já não lhe atendem amplamente as necessidades e objetivos.

Mais recentemente, Jean-Michel Adam (2008, p. 23-24), que é um dos grandes teóricos sobre linguística textual, não só chama a atenção para o pioneirismo de Eugênio Coseriu, mas também coloca a linguística textual como parte integrante da análise do discurso, considerando-a como *análise textual dos discursos*, sem, no entanto, desconsiderar suas próprias abordagens epistemológicas:

Eugênio Coseriu, que parece ter sido um dos primeiros, desde os anos 1950, a usar o termo “linguística textual”, propõe, com muita razão, em seus últimos trabalhos, distinguir a “gramática transfrasal” da “linguística textual” (1994). Se a primeira pode ser considerada como uma extensão da linguística clássica, a linguística textual é, em contrapartida, uma teoria da produção co(n) textual de sentido, que deve fundar-se na análise de textos concretos. É esse procedimento que me proponho desenvolver e designar como análise textual dos discursos. (...)

As páginas a seguir inscrevem-se na perspectiva de um posicionamento teórico e metodológico que, com o objetivo de pensar o texto e o discurso em novas categorias, situa decididamente a linguística textual no quadro mais

amplo da análise do discurso.

Esse é um passo importante para a teoria de Adam, embora a linguística textual e a análise do discurso tenham origens distintas. É bem verdade que em nosso trabalho discutiremos a necessária distinção entre *discurso* (processo) e *texto* (resultado) e notaremos que se o texto é o resultado do discurso, nada impede de pensarmos a linguística textual como uma análise de textos, que são obrigatoriamente constituídos de efeitos discursivos.

Assim, o estudo dos conectivos tendo como referência a linguística textual possibilitará, portanto, avaliarmos as funcionalidades discursivas por vários prismas, reconhecendo que diversos outros itens gramaticais contribuirão, juntamente com esses elementos de conexão, para proporcionar os valores semânticos utilizados como estratégias argumentativas. A percepção desses valores permite maior compreensão/interpretação e, para isso, haverá contribuição também da *pragmática* a fim de que percebamos as intenções nos usos desses elementos gramaticais.

#### **4. Conceito de texto**

Determinar o que é um texto não é tarefa fácil. Excetuaremos, de um ponto de vista semiótico, as possibilidades de se chamarem textos elementos extralinguísticos e vamos nos ater a análises linguísticas.

O que faz um texto ser considerado como tal é o fenômeno da *textualidade*. Por uma perspectiva *sociointeracionista*, o texto é assim definido por Koch (2008b, p. 30) em *O texto e a construção de sentidos* como:

Um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido.

Pensar no conceito de texto por um prisma interacional fornece subsídios para não pensarmos o texto como um produto acabado. Lembremo-nos de que um dos aspectos que possibilita a recepção de um texto é que somos constituídos como leitor a partir da leitura que fazemos de outros textos, isto é, todo texto é um intertexto, todo texto se comunica com outro direta ou indiretamente, aspecto já levantado e discutido por vários teóricos (Kristeva etc.). É o contato que temos com outros textos

que proporciona uma rede de comunicação que possibilita que eles passem a fazer sentido. Ao lermos uma informação que é nova, isso certamente causará certo estranhamento, mas ao mesmo tempo servirá como aprendizado, expressando mais um item cumulativo em nossa constituição com leitor, sempre em constante formação.

Ainda em referência à abordagem de Koch (2008b, p. 31), é importante observar:

Ainda dentro dessa concepção, o texto é considerado como manifestação verbal, constituída de elementos linguísticos de diversas ordens, selecionados e dispostos de acordo com as virtualidades que cada língua põe à disposição dos falantes no curso de uma atividade verbal, de modo a facultar aos interlocutores não apenas a produção de sentidos, como fundear a própria interação como prática sociocultural.

Nessa atividade de produção textual, os parceiros mobilizam diversos sistemas de conhecimentos que têm representados na memória, a par de um conjunto de estratégias de processamento de caráter sociocognitivo e textual.

O texto, então, revela-se assim quando faz sentido para o leitor/receptor. Isso se deve a uma gama de fatores. Beaugrande & Dressler (1981) definiram níveis de textualidade: *coesão*, *coerência*, *intencionalidade*, *informatividade*, *aceitabilidade*, *situacionalidade*, *intertextualidade*. Dentre esses fatores, para nosso trabalho com os *elementos conectores*, serão analisados com mais profundidade os três primeiros níveis. Precisamos reconhecer as aproximações e distanciamentos entre *coesão* e *coerência* e observar a *intencionalidade* como um fator que irá revelar as propostas defendidas nos textos argumentativos analisados.

O discurso é o processo que leva à construção de um texto (Henriques, 2011a, p. 6). A adoção dessa postura analítica sobre o conceito de texto não isenta a abordagem em chamar texto de *construção discursiva*, pois todo texto se materializa no discurso. Há vários elementos que podem entrar na formação textual: palavras, expressões idiomáticas, locuções, mecanismos coesivos, orações, frases, parágrafos. E a junção desses elementos na composição textual é que dá a tessitura necessária no desenvolvimento discursivo-textual.

Embora um texto seja um texto não apenas pelos elementos linguísticos que o compõem, mas também pela relação desse texto com outros textos (Bakhtin; Kristeva), o enfoque deste trabalho está mais voltado para os elementos gramaticais que compõem um texto e orientam o leitor na defesa de uma opinião. Ainda assim, não será descartada a ideia de que um texto está sempre em *processo* e que sua compreensão/inter-

pretação perpassa também conhecimentos *intertextuais* e *interdiscursivos* que associados às escolhas lexicais correspondem à semântica textual.

Estamos convencidos de que são esses dois níveis: o *conhecimento de mundo* (de outro texto, de outro discurso) e o *conhecimento linguístico* (com a relevância dos elementos conectores associados a outros itens gramaticais) que correspondem à interpretação/compreensão de textos, principalmente em relação à tipologia escolhida aqui, que é a argumentativa. Atrevemo-nos a dizer que sem o reconhecimento dos valores desses elementos conectores a tarefa analítica de um texto argumentativo fica pormenorizada e saber o assunto abordado não basta, se não tivermos condições de percebermos os recursos linguísticos em prol de uma opinião (ou de várias defendidas em um texto). Quando um leitor domina a análise das estratégias argumentativas, conseguindo reconhecer diversos elementos gramaticais utilizados para compor a defesa argumentativa, os conectivos em comunhão com outros itens gramaticais (certos tempos verbais, por exemplo) conferem a notabilidade necessária para ser compreendido.

##### **5. Elementos gramaticais na tessitura textual**

Dizer que um texto possui tessitura em sua composição é uma metáfora interessante utilizada por diversos pesquisadores e revela algo preponderante na elaboração deste trabalho: um texto pode ser constituído sem elementos encadeadores e, mesmo assim, não perde sua qualidade em produzir sentido; porém, quando pensamos em um uma proposta textual que tem a intenção de conduzir os sentidos a partir de uma abordagem argumentativa, percebemos a importância dessa tessitura em sua composição.

É revelador como alguns autores conseguem encaminhar sua proposta argumentativa, mesmo que trabalhe com inferências (algo tão comum em um texto com perspectiva indutora), de forma que a seleção de itens lexicais e suas articulações consigam conduzir a defesa de um ponto de vista.

Notadamente esses elementos gramaticais fazem parte dos mecanismos coesivos (referenciais e sequenciais) que ajudam a obter uma articulação importante no corpo do texto e, por extensão, reforçar a coerência. Há como sabemos um número significativo de recursos para se obter essa tessitura e aqui neste trabalho estamos interessados em discutir co-

mo a *coesão sequencial* pode alcançar esse fenômeno textual.

Pensamos aqui que certos elementos gramaticais podem servir de articuladores e, dependendo do texto, conseguir fazer as relações necessárias para proporcionar a *liga* que garante ao texto uma progressão que o faz encadear em *rede* as informações que o autor deseja apresentar e defender sob a perspectiva de um enunciador, sem nos esquecermos de que nosso enfoque é em textos argumentativos.

Faz-se necessário apresentar que elementos gramaticais são esses que fornecem essas relações em rede na progressão textual: conjunções/locuções conjuntivas, advérbios (discursivos), preposições (discursivas), outros elementos encadeadores. Todos eles em consonância com outros itens gramaticais/lexicais na composição do tecido do material discursivo.

#### **6. Os propósitos argumentativos no estudo dos conectivos**

Neste trabalho, a proposta de avaliação argumentativa é analisar editoriais da revista *Veja* e, por isso, não podemos deixar de lembrar que um editorial possui uma linha ideológica bem marcada e adequada às expectativas da filosofia defendida pelo veículo de informação que representa. Isso quer dizer que um autor de artigo de opinião normalmente possui mais autonomia discursiva do que um editorialista que se compromete com a postura ideológica da revista em questão, por exemplo. É importante salientar isso, porque, embora não estejamos aqui neste trabalho discutindo a capacidade influenciadora que a revista *Veja* possui na sociedade brasileira, entendemos que ela atende às expectativas que representam o perfil de seus leitores e, com isso, suas propostas argumentativas normalmente possuem uma coerência temática nos mais variados textos analisados.

Os conectores estudados deixam claro que, do ponto de vista dos parâmetros da *linguística textual*, servem como mecanismos de coesão e coerência e, por representarem ferramentas na composição de textos argumentativos, podem exercer a função de operadores argumentativos. A análise dos textos comprova que, além de serem ferramentas coesivas, também são reveladores de aspectos semânticos inegavelmente necessários ao discurso quando se deseja deixar marcas no texto, que funcionem como pistas para compreensão/interpretação.

Kock e Travaglia (2011, p. 27-28) estabelecem uma estreita rela-

ção entre coerência e textualidade e afirmam categoricamente que é a coerência que dá origem à textualidade:

Textualidade ou textura é o que faz de uma sequência linguística um texto e não uma sequência ou amontoado de frases ou palavras. A sequência é percebida como texto quando aquele que a recebe é capaz de percebê-la como uma unidade significativa global. Portanto, tendo em vista o conceito que se tem de coerência, podemos dizer que é ela que dá origem à textualidade...

Os conectivos exercem função tanto de coesão como de coerência e promovem os mecanismos necessários na sequência textual para que não haja um amontoado aleatório de segmentos linguísticos, mas um todo coeso e coerente. Sabemos que as relações entre partes de um texto podem ser explicitadas por marcas coesivas como as conjunções, os pronomes e outras ferramentas que promovem encadeamentos, sejam sequenciais ou referenciais. Entretanto, com a presença ou ausência das marcas, o que importa é como a coerência é alcançada a partir das informações contidas em um texto.

## 7. *Análise dos editoriais*

A fim de promover uma análise mais densa, vamos observar um texto com o uso da prototípica conjunção causal: *porque*; costumeiramente utilizada na língua padrão, ela representa um recurso muito comum nos textos argumentativos. Em diversos editoriais ela aparece expressivamente usada na condução da argumentatividade. Além dela, vamos também analisar a presença da locução conjuntiva *visto que* nessa proposta de construir um texto calcado na relação causa-efeito.

No editorial (“Um país que dança na chuva”), a presença desses conectores acaba por representar uma ferramenta discursiva importante:

### UM PAÍS QUE DANÇA NA CHUVA

Ao ironizar a curta memória política e cultural no país, o escritor Ivan Lessa certa vez escreveu que, “a cada quinze anos, o Brasil esquece os últimos quinze anos”. No plano meteorológico, isso é mais que uma ironia – e a frequência é anual: a cada dezembro e janeiro, o país estranhamente esquece o que aconteceu no dezembro e janeiro anteriores.

Habitantes de um território tropical, com chuvas abundantes durante o verão, milhões de brasileiros, no mesmo período de todos os anos, são atingidos por enchentes, desabamentos de casas, deslizamentos de morros e desmoronamentos de estradas e pontes. Desta vez, a maior calamidade resultou em 52 mortes em Angra dos Reis, no litoral do Rio de Janeiro. Vítimas houve não porque choveu, mas porque não poderiam estar onde estavam – instalados ao



sopé de morros geologicamente instáveis.

Elas sabiam do risco que corriam, visto que impera no município fluminense o mais absoluto descontrole sobre a ocupação do território. Um problema visível em qualquer região do Brasil.

Para além do descaso das autoridades com o ordenamento das construções (descaso que tanto pode ser sinônimo de propina como de populismo), a questão é de infraestrutura. Ou melhor, da falta dela. Promotores de obras que acabam custando não raro o triplo do previsto, governo e empreiteiras empregam engenheiros bons o suficiente para executar projetos que deem conta das características climáticas e topográficas do Brasil – e, assim, estender estradas à prova de deslizamentos e desmoronamentos, erguer pontes que não sejam arrastadas pela correnteza encorpada dos rios e proteger cidades de enchentes. Se não o fazem, é porque também contam com o esquecimento dos cidadãos. Que a cada dezembro e janeiro apagam da memória o que ocorreu no dezembro e janeiro anteriores. A conta é paga na forma de vidas sacrificadas, patrimônio perdido e bilhões de reais de prejuízo para um país que dança – só no mal sentido – na chuva.

(Veja, 13 de janeiro de 2010)

O tema do editorial discute os problemas referentes às chuvas que assolam os brasileiros e que promovem calamidades como enchentes, deslizamentos, soterramentos e mortes e associa isso não só ao descaso dos políticos, mas também à memória curta dos próprios habitantes.

Para estender a discussão sobre as responsabilidades das catástrofes que ocorrem no período das chuvas, o autor do texto recorre à relação de *causalidade* e constrói segmentos textuais que se revelam como críticas.

Observemos alguns segmentos com tais conectivos para analisarmos:

- (1) Desta vez, a maior calamidade resultou em 52 mortes em Angra dos Reis, no litoral do Rio de Janeiro. Vítimas houve não *porque* choveu, mas *porque* não poderiam estar onde estavam – instalados ao sopé de morros geologicamente instáveis.
- (2) Elas sabiam do risco que corriam, *visto que* impera no município fluminense o mais absoluto descontrole sobre a ocupação do território. Um problema visível em qualquer região do Brasil.
- (3) Promotores de obras que acabam custando não raro o triplo do previsto, governo e empreiteiras empregam engenheiros bons o suficiente para executar projetos que deem conta das características climáticas e topográficas do Brasil – e, assim, estender estradas à prova de deslizamentos e desmoronamentos, erguer pontes que não sejam arrastadas pela correnteza encorpada dos rios e proteger cidades de enchentes. Se não o fazem, é *porque* também contam com o esquecimento dos cidadãos. Que a cada

dezembro e janeiro apagam da memória o que ocorreu em dezembro e janeiro anteriores

Em (1), por exemplo, o que se vê é uma argumentação que *não* coloca a chuva como causa efetiva da tragédia, mas a presença de moradores em local de risco. Na primeira relação de causalidade (“Vítimas houve não *porque* choveu...”), se analisarmos bem, percebe-se que na oração principal “Vítimas houve” funciona como *efeito* e a outra oração “não porque choveu” temos a causa. Entretanto discursivamente compreendemos no texto que o argumento afirma justamente que o motivo não foi a chuva. Como explicar isso se temos a presença da oração causal com o conectivo prototípico *porque*? É que, na verdade, com a presença do advérbio *não*, nega-se a *causa* que se pressupõe e passa-se a perceber um valor de oposição. Tão é certo isso que logo em seguida na outra relação de causalidade que compõe a frase, percebe-se o adversativo *mas* para introduzir a crítica e a verdadeira causa (na defesa argumentativa do enunciador): “... mas *porque* não poderiam estar onde estavam – instalados ao sopé de morros geologicamente instáveis.”

Ainda na condução da linha argumentativa, nota-se que há um reforço à crítica de que também os moradores de áreas de risco precisam estar atentos para evitar que tragédias com as chuvas aconteçam. Na defesa de opinião promovida pelo enunciador, novamente lança-se mão da relação de causa e efeito (em 2): “Elas sabiam do risco que corriam, *visto que* impera no município fluminense o mais absoluto descontrole sobre a ocupação do território.” A introdução da causa é feita com a presença da locução conjuntiva *visto que* e mostra uma crítica à ocupação desordenada. Já em (3) a crítica contundente recai também no esquecimento da população que deveria cobrar mais dos promotores de obras, governos e empreiteiras. Ao usar a conjunção *porque* no segmento “Se não o fazem, é *porque* também contam com o esquecimento dos cidadãos.” Ao dizer que esses promotores de obras, governos e empreiteiras podem contratar bons engenheiros para evitar deslizamentos e outras catástrofes promovidas pelas chuvas, mas nem sempre fazem, isso se deve, segundo o enunciador, por um motivo “...*porque* também contam com o esquecimento dos cidadãos”, instaurada com valor de causal a partir do uso do conectivo, que conta com a presença de um *focalizador* (é), fator que chama a atenção de forma mais evidente para a causa que se quer defender.

Ao analisarmos outro editorial (“Eles sabem pensar”), percebemos que a proposta é tornar pública a defesa de que a presença de jovens via Internet em debates sobre temas politicamente importantes para a na-

ção brasileira é algo a ser ressaltado como de grande relevância para o país. O posicionamento dos jovens é sobre duas questões ambientais: a construção da hidrelétrica de Belo Monte e o novo Código Florestal. O enunciador defende que a presença dos jovens na Internet participando das discussões sobre o assunto “elevou a qualidade do debate ambiental”.

#### **ELES SABEM PENSAR**

Uma reportagem especial desta edição de VEJA relata o surgimento de um novo fenômeno na Internet brasileira, a militância de qualidades de jovens interessados em influir no debate de temas da maior relevância para o futuro deles e do Brasil. Duas questões ambientais deram ensejo a essa nova etapa da participação na rede. Uma foi o debate sobre a construção da hidrelétrica de Belo Monte, no Rio Xingu, em território amazônico. A outra foi a votação iminente do novo Código Florestal pelo Senado Federal, marcada para a próxima terça-feira, dia 6. São questões que dividem fortemente as opiniões. A primeira, por se tratar de uma intervenção na Amazônia, reserva de biodiversidade tão rica quanto frágil que, a se fiar apenas no instinto de preservação da espécie humana, deveria simplesmente ser declarada intocável.

A volatilidade da discussão sobre o Código florestal obedece a essa mesma visão sacrossanta do preservacionismo. *Árvore é para ficar de pé. Ponto.*

Além de registrar como a intervenção dos jovens na Internet elevou a qualidade do debate ambiental, VEJA analisa os méritos das duas propostas em reportagens separadas. Os repórteres da revista mostram que, se é compreensível que as opiniões se radicalizem em relação à preservação dos rios e matas, isso não esgota o assunto. Para manter o bem-estar da população e garantir oportunidades de progresso às novas gerações, o Brasil precisa continuar crescendo e, para isso, deve explorar seu potencial de produção de energia hidrelétrica, bênção natural sem similar no planeta. Belo Monte é um trunfo. Por outro lado, o Brasil precisa de Código Florestal que permita a ocupação econômica mas responsável do máximo de terras agricultáveis, onde já são colhidos os grãos que respondem por boa parte do valor das exportações nacionais. A reportagem sobre o código faz um teste de realidade com as determinações nele contidas e mostra que, em um país de biomas tão distintos, a obediência a um código nacional único e generalista pode acarretar verdadeiros desastres localizados, como ocorre com a Mata Atlântica.

Em ambos os casos, mas bem mais em relação à usina de Belo Monte, a participação dos jovens brasileiros na Internet foi fundamental para colocar a questão em bases sólidas. As moças e rapazes deram uma memorável aula de geografia, matemática, planejamento e lógica. Tomara que à entrada de jovens talentosos e bem formados no debate ambiental se sigam outras manifestações de igual nível na Internet, de modo que eles reconquistem um espaço de discussão e militância que tanta e decisiva influência está tendo no arejamento da política em outros países.

*(Veja, 7 de dezembro de 2001)*

A partir dessa linha argumentativa escolhida, há alguns recursos gramaticais importantes, notadamente a seleção dos operadores argumentativos que merecem destaque. Um dos principais recursos utilizados nesse editorial é a relação de conectores de finalidade (portanto, dentro do eixo causativo-consecutivo) atrelados a outros com valor opositivo. De acordo com a proposta temática que fala sobre a necessidade de preservação ambiental, motivo pelo qual os jovens se posicionaram criticamente, nada mais coerente do que trabalhar com operadores de finalidade que projetam para o futuro os desejos a serem alcançados, revelando assim a intencionalidade discursiva. Além disso, como o assunto é polêmico e gera controvérsias, o uso de conectivos que revelam contraste operacionaliza em benefício das ideias positivas existentes na discussão sobre o assunto.

O enunciador se vale do posicionamento dos jovens para expressar sua opinião sobre os assuntos relativos às questões ambientais. Em relação ao leitor, ele precisa ter domínio de recursos coesivos para compreender um texto e isso fica evidente no trecho abaixo:

- (4) *Duas questões ambientais* deram ensejo a essa nova etapa da participação na rede. *Uma* foi o debate sobre a construção da hidrelétrica de Belo Monte, no Rio Xingu, em território amazônico. *A outra* foi a votação iminente do novo Código Florestal pelo Senado Federal, marcada para a próxima terça feira, dia 6. São questões que dividem fortemente as opiniões. *A primeira*, por se tratar de uma intervenção na Amazônia, reserva de biodiversidade tão rica quanto frágil que, a se fiar apenas no instinto de preservação da espécie humana, deveria simplesmente ser declarada intocável.

Avaliando que domínios discursivos um leitor precisa ter para compreender um texto, percebemos que nesse trecho é imprescindível o reconhecimento dos recursos de coesão referencial. O uso do numeral em “*Duas questões ambientais...*” se concretiza ao longo do segmento na catáfora evidenciada com os indefinidos: *uma/outra*. Essa organização discursiva é importante porque um pouco mais à frente, no trecho “*A primeira*, por se tratar de uma intervenção na Amazônia...”, a presença desse numeral ordinal resgata textualmente a 1ª informação do trecho que diz respeito à “construção da hidrelétrica de Belo Monte”. Sem esse domínio discursivo, não seria possível a compreensão do trecho.

No que diz respeito aos conectivos que funcionam como operadores argumentativos, há alguns que chamam a atenção pelos valores produzidos. Nesse mesmo fragmento “*A primeira*, por se tratar de uma intervenção na Amazônia, reserva de biodiversidade tão rica quanto frágil

que, a se fiar apenas no instinto de preservação da espécie humana, deveria simplesmente ser declarada intocável” é possível perceber que, a partir da seleção de conectores, há um encaminhamento para que o enunciador explicita seu ponto de vista. A presença da preposição discursiva *por* com valor causal já evidencia uma crítica, ou seja, a intervenção na Amazônia (causa) resulta na necessidade de que “deveria simplesmente ser declarada intocável” (efeito), em que este último comentário demonstra o posicionamento do enunciador. Atrélado a isso, nesse mesmo trecho em análise, há uma comparação de igualdade (evidenciando uma *Correlação*) que coloca dois atributos na mesma direção argumentativa (*classe argumentativa*): “reserva de biodiversidade tão rica quanto frágil”, que chama a atenção para a necessidade de preservação. Além disso, a presença do operador argumentativo *apenas* (mesmo não sendo um conectivo) é um revelador de sentido interessante porque seu valor excludente coloca em xeque a ideia de que se pensarmos somente no instinto de preservação da espécie humana, apenas esse quesito já seria necessário para não intervir na Amazônia.

Já do ponto de vista do valor de finalidade (circunscrita na relação causa-efeito), há dois segmentos muito significativos na construção do sentido de “desejo a ser alcançado”. Em ambos os casos, é necessário que observemos esse valor associado a outro com valor opositivo:

- (5) *Para* manter o bem estar da população e garantir oportunidades de progresso às novas gerações, o Brasil precisa continuar crescendo e, para isso, deve explorar seu potencial de produção de energia hidrelétrica, bção natural sem similar no planeta. Belo Monte é um trunfo. *Por outro lado*, o Brasil precisa de Código Florestal que permita a ocupação econômica mas responsável do máximo de terras agricultáveis, onde já são colhidos os grãos que respondem por boa parte do valor das exportações nacionais.
- (6) Em ambos os casos, *mas* bem mais em relação à usina de Belo Monte, a participação dos jovens brasileiros na Internet foi fundamental para colocar a questão em bases sólidas. As moças e rapazes deram uma memorável aula de geografia, matemática, planejamento e lógica. Tomara que à entrada de jovens talentosos e bem formados no debate ambiental se sigam outras manifestações de igual nível na Internet, *de modo que* eles reconquistem um espaço de discussão e militância que tanta e decisiva influência está tendo no arejamento da política em outros países.

No trecho (5) podemos notar que a preposição *para* (finalidade) funciona como operador argumentativo e colabora para a defesa da ideia de que se o Brasil deseja crescer, é necessário que se atente para certos objetivos a serem alcançados: “...manter o bem estar da população e garantir oportunidades de progresso às novas gerações”. Esses argumentos

foram relacionados pela conjunção e aditiva e introduzidos pela preposição *para* que iniciou oração reduzida de infinitivo. Discursivamente, esses objetivos a serem alcançados funcionam como um artifício do enunciador com o objetivo de defender a proposta de que o Brasil precisa continuar explorando a produção de energia elétrica, fator que fica reforçado com a *divinização* da natureza, que teria dado esse atributo ao Brasil, do qual não poderíamos abrir mão: “bênção natural sem similar no planeta”. Entretanto, a fim de mostrar que ainda há coisas a serem feitas, um contraste é evidenciado: “*Por outro lado*, o Brasil precisa de Código Florestal que permita a ocupação econômica mas responsável do máximo de terras agricultáveis...”. Com o objetivo de deixar claro seu posicionamento no editorial, a oposição evidenciada pela expressão conectora *por outro lado* tentar deixar claro que é necessário sim um Código Florestal que permita a exploração de terras agricultáveis, aspecto que evidencia o verdadeiro posicionamento do enunciador.

Em (6), por sua vez, a presença da conjunção *mas* estabelece um contraponto em que a participação dos jovens no que se refere à usina de Belo Monte, na opinião do enunciador, teve uma influência mais significativa. Porém, o que mais chama a atenção neste último parágrafo do texto é o reforço argumentativo para validar a participação dos jovens. O final desse editorial chama a atenção para que a presença de jovens em debates dessa natureza perdure e tal desejo é evidenciado com o uso da locução conjuntiva *de modo que*, que constrói um efeito de sentido de finalidade.

## 8. Conclusão

Fatores linguísticos como esses e outros que foram abordados nesse trabalho são reveladores de que um texto argumentativo vale-se de uma série de recursos gramaticais na constituição de seus sentidos. A presença de conectivos que funcionam como operadores argumentativos, com valores de *causa-efeito* e *oposição* ou com outras manifestações semânticas, na verdade, revela as *intencionalidades* discursivas tão importantes na recepção dos textos, pois é na interação autor / leitor que há a produção sentido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, Jean-Michel. *A linguística textual: introdução à análise textual*

dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2011.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001

\_\_\_\_\_. *Lições de português pela análise sintática*. Rio de Janeiro: Padrão, 1988

BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros (Orgs.). *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010.

BEAUGRANDE, R.-A.; DRESSLER, W. *Introduction to Text Linguistics*. (1981). Disponível em:  
[http://beaugrande.com/introduction\\_to\\_text\\_linguistics.htm](http://beaugrande.com/introduction_to_text_linguistics.htm)

BRETON, Philippe. *A manipulação da palavra*. São Paulo. Loyola, 1999.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. *A força das palavras: dizer e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAVES, Charleston de Carvalho. *As funcionalidades dos conectivos em português: um estudo sintático-semântico*. Curitiba: Appris, 2012.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. *O texto argumentativo*. São Paulo: Scipione1, 1994.

DIJK, Opiniões e ideologias em editoriais. In: *Simpósio Internacional 4 de Análise Crítica do Discurso, Linguagem, Vida Social e Pensamento Crítico*. Atenas, 14-16 dezembro de 1995.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. São Paulo: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. *Princípios de semântica linguística: dizer e não dizer*. São Paulo: Cultrix, 1972.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Estilística e discurso*. Rio de Janeiro: Campus, 2011a.

\_\_\_\_\_. *Sintaxe*. Rio de Janeiro: Campus, 2011b

\_\_\_\_\_. *Léxico e semântica*. Rio de Janeiro: Campus, 2011c

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico*, versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *As tramas do texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008a.

\_\_\_\_\_. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2008b.

\_\_\_\_\_. *Desvendando os segredos do texto*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2001a.

\_\_\_\_\_. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2001b.

\_\_\_\_\_; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.